

O DISCERNIMENTO DA AÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO DEMÔNIO: ALGUNS CRITÉRIOS ÚTEIS PARA COMPREENDER SE OS CASOS APRESENTADOS PELOS FIÉIS NECESSITAM DA INTERVENÇÃO DO MINISTÉRIO DOS EXORCISMOS

Por Padre Francesco Bamonte, exorcista na Diocese de Roma

Introdução

O sério problema pastoral, suscitado pelo número crescente de pessoas que pedem a intervenção dos sacerdotes que exercem o ministério dos exorcismos, implica sempre mais urgentemente a necessidade por parte dos Pastores da Igreja - Bispos e sacerdotes - de adquirir aqueles critérios de discernimento fundamentais para compreender se os distúrbios, os fenômenos, os sintomas, as manifestações, os mal-estares e os sofrimentos acusados por estes fiéis sejam efetivamente relacionados a uma ação extraordinária do demônio. É necessário ter presente, de fato, que se é verdade que na sociedade hodierna está em aumento o mal-estar psíquico, é um dado evidente e inegável o forte incremento e a difusão capilar, através de vários canais, das práticas ocultas, mágicas e esotéricas, até os extremos do satanismo. Hoje tantas pessoas, mesmo católicas, recorrem às diversas formas de adivinhação: freqüentam magos e cartomantes, crêem no horóscopo, fazem uso de amuletos e talismãs, pretendem evocar os mortos através de práticas espíritas, pedem rituais para voltar em favor próprio os acontecimentos ou para causar danos aos outros.

Segundo a Associação Comunità Papa Giovanni XXIII, cerca de 25% dos italianos está interessado no conhecimento do ocultismo ou até mesmo se serve de operadores do ocultismo. A grandeza do problema nos permite pensar de falar de «*uma indústria da magia*». Certamente o mundo do ocultismo está cheio de pessoas que vendem ilusões, exigindo – como acontece muitas vezes – pesadas somas. Todavia, ainda que, na maior parte das vezes, a pessoa é animada só por vãos

temores, e por isso necessita simplesmente de ser tranquilizada e convidada a uma vida cristã autêntica, os contatos com alguns operadores do oculto – que, distintamente dos simples charlatães são realmente ligados com o mundo demoníaco – podem provocar não só condicionamentos psicológicos e comportamentais que minam a integridade psicofísica das pessoas, mas podem também torná-las sujeitas aos «*fenômenos diabólicos extraordinários da possessão, da obsessão, da vexação e da infestação*».

Sabemos que o maligno normalmente opera induzindo o homem ao pecado, todavia, como pastores humildes e sábios, não podemos negar a possibilidade da sua ação extraordinária na vida das pessoas, ação que – obviamente – deverá ser discernida com prudência e discrição. Tal ação é revelada pelos Evangelhos nos quais vêm claramente descritos seja os exorcismos de Jesus seja o de conferir o poder e do mandato que Ele comunicou à Igreja de expulsar os demônios. O Magistério da Igreja, além disso, nos ensina que Jesus, quando exorcizava, expulsava realmente os demônios. As ordens que Ele dava a eles não eram nem metáforas, nem curas de pessoas simplesmente doentes: quando exorcizava, Ele de fato dirigia-Se a *algum outro*, distinguindo-o da pessoa mesma, e de modo peremptório e imperativo lhes ordenava de não atormentar mais aquela pessoa. No episódio do endemoniado na sinagoga de Cafarnaum, Jesus não disse: «*Cala*», mas com comando imperativo disse: «*Cala e sai deste homem!*» (Mc 1,25). Quando encontrou-Se diante do possesso que vagava entre os sepulcros, gritando e ferindo-se com pedras, Jesus não falou a ele, mas dirigiu-Se diretamente a *algum outro*, que havia reduzido aquele homem em tal miserável condição e com comando imperativo, exclamou: «*Sai, espírito impuro deste homem!*» (Mc 5,8)¹. Quando Lhe trouxeram aquele rapaz, que os discípulos não conseguiram libertar e que o pai apresentou a

¹ *Espírito impuro*: o adjetivo *impuro* ou *imundo* não deve ser entendido em senso físico e menos ainda em senso legal com referência às leis de pureza do Antigo Testamento, mas em senso moral, como qualidade o ânimo dominado por uma decidida vontade de operar o mal. É justamente este o mal que, segundo o ensinamento de Cristo «contamina o homem e o torna realmente “impuro”» (cf Mc 7, 15.20-23). Neste caso, portanto, trata-se de um verdadeiro espírito do mal, ou seja, do demônio.

Jesus suplicando-Lhe de libertá-lo, Jesus disse ao rapaz: «*Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e não reentre mais!*» (cfr. Mc 9,25).² Se Jesus não houvesse expulsado realmente os demônios e se não houvesse conferido aos discípulos o poder e o mandato de expulsar os demônios em Seu Nome, os exorcismos não teriam jamais entrado na prática da liturgia da Igreja. De resto, a Igreja não promulgaria um texto litúrgico no qual «*se ordena em nome de Deus aos demônios de estarem longe e de não causar dano às criaturas humanas*»³ se esses não existissem. É conhecido o dito: «*A lei da oração é a lei do crer*» (Lex orandi, lex credendi)⁴. O livro litúrgico do exorcismo, neste sentido, constitui um particular testemunho acerca da existência do demônio e a sua atividade maléfica: a liturgia da Igreja, de fato, è expressão concreta da fé crida.

Além dos Evangelhos e do Magistério da Igreja, um ulterior atestado referente à real existência da ação extraordinária dos demônios sobre os

² Jesus expulsava realmente os demônios. As ordens que Ele dava a eles não eram metáforas. Se fossem metáforas, em base a que coisa se distinguiriam de outros comandos dados por Jesus que não eram metáforas? Ao comando imperativo dado por Jesus a Lázaro morto há quatro dias: “Lázaro, vem para fora!” (Jo 11, 43); à menina morta: “Menina, eu te ordeno, levanta-te” (Mc 5, 41); ao rapaz morto, filho único da mãe viúva de Naim: “Jovenzinho, digo a ti, levanta-te!” (Lc 7, 14), esses ressuscitaram realmente sob os olhos estupefatos dos presentes. Aqueles comandos, logo, não foram metáforas. Jesus comandou também ao mar em tempestade e ao vento para que se aplacassem. Ele, enquanto Criador e Senhor de todas as coisas, pode dialogar com os elementos da natureza por Ele criados e ordenar-lhes quilo que quer. Jesus repreendeu ou ameaçou o vento e as águas em tempestade impondo-lhes de fazer silêncio (Mc 4,39; Lc 8, 24), como fizera com o demônio (Lc 4,35). Ele, sendo Deus, tem o poder de dominar as forças da natureza e quando estas se tornam hostis, como por exemplo o mar em tempestade, somente ao Criador era atribuída no Antigo Testamento a prerrogativa de aplacá-lo. Os elementos naturais, como os ventos e o mar, quando estão descontrolados, são considerados, além disso, na Sagrada Escritura, sinal da ação demoníaca. Jesus comanda também à febre da sogra de Pedro: «Inclinou-Se sobre ela, comandou (ameaçou a) à febre e a febre a deixou» (Lc 4,39). Lucas considera tal gesto como um potente exorcismo de Jesus, sempre empenhado na luta não só contra Satanás, mas também contra as conseqüências do pecado que Satanás introduziu no mundo e no homem, neste caso contra a doença. Uma ulterior demonstração que os comandos dados por Jesus aos demônios não eram metáforas, nos vem dada pelo próprio Jesus quando conferiu aos discípulos o poder de expulsar os demônios em Seu nome (cfr. Mt 10, 1.8; Mc 3, 14.15; 6, 7-13; Lc 9, 1; 10, 17. 18-20). Também o ritual do exorcismo constitui na Igreja um particular testemunho sobre a existência do demônio e sobre a sua atividade maléfica. Pode-se, portanto, falar também de argumento litúrgico para a existência de Satanás; sobre este aspecto se detém o texto recomendado pela Congregação para a Doutrina da Fé: *Les formes multiples de la superstition*, 26 giugno 1975; versão italiana publicada no *L'Osservatore Romano* do mesmo dia e apresentado com o título: *Fé e demonologia* no *Enchiridion Vaticanum*, vol. V, pag. 830-879 (1974-1976).

³ «*Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari*», Libreria Editrice Vaticana, 2001, Decreto da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

⁴ A frase citada (Lex orandi, lex credendi) encontra-se no livro de São Próspero de Aquitânia, escrito nos anos 435-442: *De vocazione omnium gentium*, 1, 12 (PL 51 664) e retomada depois pelo papa Celestino I no escrito: *Indiculus* 8 (DH 246).

homens, chega a nós pelos sacerdotes exorcistas, os quais podem reportar as experiências quotidianas deste seu ministério conferido pela Igreja, como eu mesmo o farei no curso desta relação.

Proporei primeiramente algumas sugestões e alguns critérios de discernimento e de intervenção, úteis para compreender se os acontecimentos, os sinais, os sintomas, os fenômenos, que os fiéis descrevem ou manifestam, sejam atribuíveis a uma real ação extraordinária do demônio. Não é de fato pensável que os exorcistas devam ser os únicos encarregados para esta tarefa de primeiro discernimento. Esses, realmente, não podem mais sustentar o número crescente de pessoas que pedem-lhes de encontrá-los: é necessário portanto um sério primeiro discernimento que pode e deve ser feito por todo sacerdote. A intenção deste trabalho é aquele de ajudar os confrades sacerdotes a acolher e escutar, com a mesma misericórdia e compaixão de Jesus, pessoas que sofrem ou que estão até mesmo desesperadas, por males reais ou supostos, e – portanto – necessitadas de serem ao menos escutadas e acolhidas com caridade. Faz parte do ministério sacerdotal escutar todos os irmãos com mansidão, com paciência e submeter o que eles dizem ou manifestam a um acurado discernimento. Não podemos acolher as pessoas com superficialidade, com indiferença e, sobretudo, não nos podemos recusar de escutá-las. Justamente esta atitude pode favorecer o recurso a magos, operadores do oculto e a práticas aberrantes que são indiretamente e às vezes diretamente, instrumento do demônio. Estes irmãos vivem um momento particularmente crítico, mas certamente providencial da sua vida. O sacerdote que recebe um tal pedido de socorro deve transformá-lo numa preciosa oportunidade para favorecer neles uma maior aproximação de Deus.

Algumas indicações úteis para a fase inicial de discernimento

Primeiramente, é necessário distinguir os fenômenos sobrenaturais daqueles naturais e daqueles *preternaturais*.

Classificamos como *fenômenos naturais* os fatos que se produzem segundo as ordinárias leis da natureza, entre os homens.

Classificamos como *fenômenos sobrenaturais*, aquelas ações que podem ser realizadas exclusivamente por Deus e que Ele pode fazer chegar a nós pela intercessão da Beata Virgem Maria, dos Anjos bons ou dos Santos.

Classificamos como *fenômenos preternaturais* aqueles fatos que se produzem segundo as leis da natureza que, sendo conhecidas também pelos demônios, são por eles utilizadas, porém, em um modo que supera aquele humano. Assim como a potência da natureza angélica – que eles conservam íntegra depois do pecado – excede de muito as forças naturais humanas, os demônios podem fazer coisas que ao homem aparecem como prodigiosas. Todavia qualquer que seja o fenômeno por eles produzido, não irá jamais além da ordem puramente natural. Por tal motivo classificamos as suas ações também com a expressão: “ações extraordinárias do demônio”, no sentido que aparecem ao homem como extraordinárias, em quanto são excepcionais se confrontadas com as comuns possibilidades humanas. Não se podem definir como ações “sobrenaturais” porque os demônios não podem criar nem mudar a *natureza* (coisa que pertence só ao Criador), mas fazer ações nos limites desta. Não podem, por exemplo, fazer milagres, já que estes excedem por definição as forças de toda natureza criada⁵. O *preternatural*,

⁵ Em teologia os “fenômenos preternaturais” se distinguem dos “dons preternaturais” que se referem aos dons dados por Deus ao homem antes do pecado original, como a imortalidade do corpo, e que o homem perdeu depois do pecado; esses vêm a aumentar a natureza humana e a enriquecê-la de dotes que por si mesma não possui, mas que são proporcionais à sua natureza ainda que a ampliem a uma maior perfeição. Para evitar de confundir os “fenômenos preternaturais” com os “dons preternaturais” há quem proponha (como por exemplo o teólogo Renzo Lavatori) de classificar os fenômenos diabólicos que se manifestam no mundo humano em “*super-humanos*” e “*sub-humanos*”.

Fenômenos "super-humanos" quando os demônios atuam manifestações que vão além dos limites do ser humano, mas que estão sempre dentro do horizonte da natureza criada. Esses, de fato, são seres espirituais superiores ao homem, mas continuam sendo sempre criaturas, podem – portanto – saber e dizer coisas que o homem não conhece, mas que, todavia, fazem parte do cosmo ou da história humana, não podem, porém, fazer verdadeiras profecias nem previsões autênticas do futuro; conhecem também os mistérios divinos enquanto estes foram revelados e, por isso, manifestados no âmbito humano, mas não podem entrar no mistério íntimo de Deus como na visão beatífica. Isto é um dom gratuito da divina potência que diz respeito somente àqueles que amam a Deus e estão na Sua comunhão, como os anjos bons, os místicos sobre a terra e os beatos no Céu. Os demônios não conhecem nem mesmo os pensamentos íntimos do homem, se estes não os exterioriza de algum modo e nem mesmo podem forçar a vontade humana, mas só solicitá-la e tentá-la.

portanto – em relação aos homens – è constituído daquilo que é próprio e natural nos anjos maus, ou seja, *fenômenos naturais de origem diabólica*. Portanto, um critério fundamental de discernimento, sempre que nos encontremos diante de algo que ultrapassa o confim natural, é este: **«Tudo aquilo que supera as possibilidades naturais do homem, se não provém de Deus, provém de Satanás. Não existem estados intermediários».**

À luz de tal princípio abro um parêntese sobre a assim chamada *parapsicologia*, quando esta pretende explicar em termos humanos e naturais todos os fenômenos fora do normal, atribuindo-lhes a supostos poderes escondidos da mente e ao inconsciente, excluindo a priori a intervenção direta de Deus ou de Satanás na vida do homem. Na realidade, como vimos até aqui, onde se verificam realmente fenômenos que vão além do natural, podem ser explicados somente com a ação de uma realidade que é distinta daquela do próprio homem, justamente porque a mente humana e o inconsciente não são capazes de ir além dos seus limites naturais. O homem pode superar os seus limites naturais somente sob a ação do demônio ou de Deus. A ação do demônio tem, porém, sempre um fim destrutivo, ainda que tal fim não apareça imediatamente⁶.

Fenômenos "sub-humanos" quando os demônios atuam manifestações inferiores ao ser humano, por exemplo quando se apresenta em formas animais e brutais, que representam seres bestiais ou monstruosos inferiores ao homem, mas sempre compreendidos dentro do horizonte natural, ou quando através da possessão diabólica reduzem o homem a um ser quase animalesco, ou aviltam e humilham a natureza humana com gestos e atos virulentos e estranhos, sem todavia poder absolutamente mudá-la.

⁶ A parapsicologia é uma falsa ciência, enquanto se propõe, com o método experimental, estudar e explicar realidades espirituais. É como se alguém procurasse escutar um som abrindo bem os olhos. Não tem sentido, porque não há adequação entre o método que se usa e o objeto que se quer estudar. A mesma comunidade científica mundial é unânime ao afirmar como sem fundamento as afirmações da parapsicologia. À luz de quanto examinado até agora, devemos, portanto, decididamente afirmar que os cursos de parapsicologia devam decididamente ser supressos das faculdades teológicas. Um sacerdote e um exorcista não poderá jamais tomar como critérios de discernimento as falsas teorias da parapsicologia, mas aqueles que lhe oferecem a Sagrada Escritura, o Magistério da Igreja, a sã Teologia Espiritual, o Ritual dos Exorcismos, aqueles autores espirituais e aqueles Santos que deram indicações para discernir e desmascarar as ações ordinárias do demônio, seja outros Santos que deram com a sua própria vida indicações acerca das manifestações diabólicas extraordinárias às quais se submeteram, seja enfim a própria experiência daqueles sacerdotes exorcistas empenhados há anos neste ministério desenvolvido por eles com seriedade e competência.

Deve ser excluído na maneira mais absoluta no nosso discernimento o recurso às explicações da parapsicologia. São falsas explicações que têm provocado danos muito graves em muitos países desviando completamente sacerdotes e bispos no discernimento de certos fenômenos. Não poucos sacerdotes e até exorcistas que deram crédito à parapsicologia, deixaram tantas pessoas no seu sofrimento e tantas situações graves onde era necessária a intervenção do exorcismo, foram entregues aos assim chamados *paranormais*, que às vezes eram também psicólogos, mas às vezes eram e são infelizmente também médiuns.

Aclarada a distinção entre fenômenos naturais, preternaturais e sobrenaturais, passemos agora a analisar o *discernimento* que se articula especificamente em três fases:

- Escuta.
- Confronto, que se atua através de perguntas específicas do sacerdote à pessoa ou aos seus familiares, no caso de não ser possível fazê-las à própria pessoa.
- Oração.

Escuta

A primeira fase, que é aquela da escuta, serve para verificar se na narração dos males, dos desconfortos, dos sintomas ou dos comportamentos referidos são descritos sinais, fenômenos e manifestações reconduzíveis a uma ação extraordinária do demônio.

Em base à casuística recolhida, constatamos que os episódios, experiências ou práticas que podem dar ao demônio a possibilidade de desenvolver a sua ação extraordinária sobre as pessoas, são:

- ter participado e/ou também ter somente assistido a sessões espíritas;
- haver freqüentado cartomantes, quiromantes, médiuns ou praticado pessoalmente a cartomancia, quiromancia, esoterismo, magia;

- haver usado amuletos e/ou talismãs, sobretudo se recebidos de operadores do ocultismo (sabemos, de fato, que tais pessoas muitas vezes consagram tais objetos aos espíritos, com ritos específicos em certas horas do dia ou d noite);
- ter entrado na posse, mesmo por ocasião de viagens turísticas, de objetos próprios da magia dos países visitados, talvez comprados como souvenir ou também haver assistido a ritos da magia local, como os ritos de *macumba* ou *voodoo*;
- haver praticado técnicas e terapias ligadas à Nova Era (New) Age;
- haver praticado a meditação transcendental;
- haver praticado o reiki;
- terem se submetido a sessões para receber os assim chamados “fluídos” ou “passes”, durante as quais a imposição das mãos tenha sido acompanhada por invocação verbal e/ou também só mental dos espíritos;
- haver participado das assim chamadas “comunidades mágicas” (são várias, na Itália e no mundo, e se inspiram a todos os princípios próprios do esoterismo e do ocultismo);
- haver freqüentado movimentos religiosos chamados *alternativos* ou haver participado de seitas, grupos ou associações praticantes de ritos de iniciação em forma esotérica e rituais esotéricos;
- haver escutado freqüentemente musicas e canções cuja mensagem seja um convite ao culto de Satanás ou à violência, à necrofilia, à blasfêmia, ao homicídio, ao suicídio.

Tal elenco não pretende ser exaustivo enquanto nascem continuamente novas formas de ocultismo (veja, por exemplo, a rápida expansão do culto da “santa muerte” no México e na América do Sul e que agora aportou também na Itália).

A nossa experiência de exorcistas constatou também outras causas, devidas a uma intervenção oculta de terceiros. Neste último caso, tratam-se de vítimas inocentes, que por permissão de Deus são submetidas a um influxo extraordinário do demônio por meio de um malefício. Este, de fato, como nos confirma a experiência, pode

atingir pessoas que vivem em estado de pecado, e, às vezes, também aquelas moralmente sadias, retas e espiritualmente comprometidas⁷.

Outras situações não diretamente referíveis ao ocultismo, que porém podem predispor e favorecer o perdurar da ação extraordinária do demônio, são os pecados graves jamais confessados ou não suficientemente reparados, as graves injustiças cometidas, o ódio e a rejeição do perdão, uma vida moral abertamente desordenada, atos que atentam à integridade da pessoa e da vida (homicídio, aborto), como também atentar contra a fé dos pequenos e a rejeição da misericórdia de Deus. Além disso, a experiência comum de muitos exorcistas chama a atenção para as violências sexuais, sofridas na infância ou na adolescência, ter abortado sem algum arrependimento sucessivo, podem predispor e favorecer a ação extraordinária do demônio, se no curso da vida, aquelas pessoas se aproximaram também a práticas de ocultismo.

Confronto, que se faz através de perguntas específicas do sacerdote à pessoa

Depois da primeira escuta, passamos agora à segunda fase do discernimento, ou seja, ao momento das perguntas. Proponho uma seqüência de perguntas que não deve ser necessariamente utilizada integralmente: poderão ser escolhidas aquelas que resultarão mais úteis aos fins do discernimento, quando já não tivessem sido referidas pela pessoa durante o primeiro momento de escuta.

⁷ O termino «malefício» deriva da palavra latina *malum facere* (= *fazer o mal*). Por malefício se entende «a ação do Diabo de causar o mal fisicamente ou moralmente a uma pessoa ou aos seus bens, por via preternatural, através de um ser humano que recebe o nome de “operador maléfico” enquanto se presta a colaborar com o próprio demônio». O malefício não consiste numa mera crença supersticiosa, fundada sobre contos populares, mas é uma realidade cujas dinâmicas, ultrapassando os limites da natureza humana, desembocam no mundo demoníaco. Aquilo que sabemos com certeza é que os malefícios são realizados com ritos que se transmitem há séculos. O operador do malefício assume uma forte função instrumental nas mãos do demônio, o qual se serve dele para provocar, um extraordinário e direto influxo sobre a vítima designada, caracterizado pela apresentação de fenômenos efetivamente inexplicáveis em termos puramente naturais. Portanto, não é o operador maléfico que usa o demônio, mas é o demônio mesmo que se serve dele, sempre obviamente por meio do livre arbítrio do operador maléfico.

Primeiramente, precisa ser analisado o relacionamento da pessoa com Deus. Reza? Quanto reza? Participa da Santa Missa nos domingos e festas de guarda? Confessa-se regularmente? Encontra dificuldades? Quais?

Sobre as características dos distúrbios, dos fenômenos ou dos fatos expostos pela pessoa em exame, é útil verificar:

- em que modo se manifestam?

- há quanto tempo se manifestam?

- como se desenvolveram no tempo e que coisa mudou no comportamento; as atitudes, os comportamentos estranhos ou os mal-estares estranhos, os fenômenos incomuns, são contínuos ou descontínuos?; aparecem e desaparecem improvisamente?; em quais períodos se manifestam?; alternam-se de modo casual ou parecem manifestar-se sempre nas mesmas circunstâncias?; aumentam em relação aos lugares? por ex. em casa, fora de casa, na igreja...;

- se a pessoa tivesse também começado a manifestar uma violência inusual, tendo como referência o seu modo de ser habitual, em correspondência a quais situações ou em quais momentos essa se produziu ou se acentuou;

- é capaz de individuar uma possível causa?; recorda se os distúrbios iniciaram depois de algum episódio particular?, por exemplo: depois de ter freqüentado seitas, sessões espíritas, operadores do oculto ou os chamados sensitivos? Se diz de sim, faça narrar que coisa fez, se já não houvesse dito no primeiro momento de escuta;

- quais remédios usou ou usa: consultou médicos, psicólogos, psiquiatras? Tais especialistas acham que compreenderam qual seja o problema e podem explicar a real causa dos distúrbios? Se deram terapias, quais efeitos tiveram? A pessoa mudou de médico e de terapia diversas vezes? Por que? Procurou outros meios de cura? Procurou a cura através de magos, feiticeiros, médiuns, pranoterapeutas, etc.?

- se durante o colóquio inicial afirmou ter freqüentado técnicas ou movimentos religiosos chamados “alternativos”, faça-a dizer o que lhe ensinaram. E, eventualmente, que coisa praticou ou que coisas praticaram sobre ela;

- algum dos familiares, vivos ou defuntos, teve experiências de práticas mágicas, espíritas ou ocultas?; a pessoa em exame foi diretamente envolvida?;
- durante os momentos nos quais tinha comportamentos, sintomas ou fenômenos estranhos aconteceu de conhecer coisas que não podia saber (por exemplo, línguas a ela ignoradas, acontecimentos que contemporaneamente ocorreram longe dali, situações de outras pessoas a ela desconhecidas, etc.?) ?;
- durante os momentos de crise, foi percebido que, retornando à normalidade, não se recordasse o que tinha acontecido? Ou recordava só alguns momentos da sua crise?;
- demonstrou durante os momentos de crise uma força física que não corresponde às suas reais e naturais possibilidades?;
- quais foram as reações interiores e exteriores ao sagrado?

A este ponto, o sacerdote terá certamente uma idéia mais clara da situação em exame. Todavia, para ter um ulterior e mais claro discernimento, é necessário também um terceiro momento que é aquele da oração.

Oração

Não existe um rito litúrgico oficial para este terceiro momento de discernimento. Um livre esquema de oração que posso propor é o seguinte.

Pode-se iniciar aspergindo o fiel com a água benta; convidá-lo a um ato de arrependimento dos próprios pecados e à renúncia a todo pecado voluntário: pode-se dizer o ato de arrependimento que usamos no início da Santa Missa, ou o “Ato de contrição”, que dizemos no fim da Confissão sacramental; então se faz a renovação das promessas batismais com a renúncia a Satanás, às suas obras e seduções; a Profissão de Fé (aquela do Batismo ou o Credo). Pode-se ler uma passagem da Sagrada Escritura, podem ser rezados os salmos, em particular os salmos 3, 10, 21, 30, 34, 53, 67, 69, 90 nos quais os inimigos mencionados podem ser considerados – como afirmava Paulo VI – os “inimigos espirituais”, ou seja os demônios; podem ser feitas orações de louvor, de adoração, de bênção ou de ação de graças; pode ser

rezada a Ladainha de Nossa Senhora; orações aos Anjos, em particular a S. Miguel Arcanjo; invocar alguns Santos ou também rezar a Ladainha dos Santos. Além disso é necessário fazer com que aquela pessoa renuncie a qualquer ligação que possa ter tido com qualquer forma de ocultismo. Se a pessoa praticou pessoalmente magia, espiritismo, adivinhação ou outras formas de ocultismo, ou se se tivesse dirigido a um operador do oculto, ela deve sucessivamente ser ajudada a renunciar a toda ligação com tudo isso e a proclamar a própria vontade de querer seguir a Jesus como único Senhor. O sacerdote poderá impor as mãos sobre a cabeça da pessoa pedindo a Deus de libertá-la de tudo aquilo que a oprime, qualquer que seja a causa.

Tenha-se presente que existem ações diabólicas extraordinárias que não são claras, nas quais o demônio não dá manifestações de si, se não produzindo aparente doença física ou psíquica; enquanto os sinais de uma possível possessão diabólica emergem em seguida, ou seja, quando a pessoa, aflita por aqueles aparentes males físicos ou psíquicos, aproximou-se de Deus, com uma vida espiritual mais intensa e começou a receber uma série de catequeses e bênçãos. O demônio que se escondia enquanto realizava a sua ação extraordinária, “torturado”, por assim dizer, por aquele caminho espiritual empreendido pela pessoa, foi constrangido a manifestar-se abertamente; por isso, procedendo em tal caminho, é possível que ele comece a dar sinais de si sempre mais evidentes. Outras vezes, mas é mais raro, tais sinais se manifestam mesmo antes da oração do sacerdote, durante a primeira escuta; o mais das vezes, porém, se manifestam no momento da oração; outras vezes emergem um pouco de cada vez, depois de uma série de encontros de oração, sendo a ação do demônio bem escondida e radicada.

A experiência atesta que os sinais descritos pelo ritual que amplamente examinamos em precedência, são geralmente precedidos – numa pessoa que, das análises médicas já efetuadas, resulta fisicamente e psiquicamente sã – por um imprevisto mal-estar interior que cresce rapidamente, ou uma imprevista e forte dor de cabeça ou vertigens; pontadas no estômago; imprevistas dores agudas em várias partes do corpo; tosses contínuas; arrotos, náusea; a sensação de algo que se move na boca

do estômago ou a sensação de um bocado na garganta que sobe e que desce; sensações como de descargas elétricas no corpo; senso de sufocação, desejo de interromper a oração e de fugir. Todos estes mal-estares, se submetidos a exames clínicos não serão detectados, sendo a sua origem de natureza não patológica, mas preternatural. As pessoas podem acusar também em maneira acentuada distúrbios físicos internos que não são assinalados pelos exames clínicos (por exemplo, sentir-se inchar o corpo, veias, vísceras, ou sentir como que serpentes nas vísceras, na bexiga, na coluna, etc.).

A estes fenômenos, depois, podem se seguir os sinais descritos pelo ritual dos exorcismos: a pessoa pode se tornar agressiva, mesmo que não o seja pela sua natureza, grita, cospe e às vezes pode ter uma grande força física; pode manifestar conhecimento de coisas que não pode saber ou não possa ser capaz de fazer, pode manifestar um inexplicável horror e aversão pelo sagrado⁸.

Outros sinais

Quando se manifesta uma autêntica possessão, além dos *sinais* descritos pelo ritual dos exorcismos, atestados pela comum experiência dos exorcistas, podem se associar a eles ainda outros, sempre por eles atestados: a pessoa cai como que numa espécie de sono profundo, ao qual se segue, às vezes, uma série de risadas pérfidas, alternadas a tosses convulsivas; contemporaneamente, sobre o seu rosto, começa a aparecer a expressão da cólera: os traços se transformam e os olhos fixam o exorcista

⁸ «*Rito dos exorcismos e orações para circunstâncias particulares*», Libreria Editrice Vaticana, 2001: 16. ... Segundo uma praxe consolidada, são reconhecidos como sinais de possessão diabólica: falar correntemente línguas desconhecidas ou compreender quem as fala; revelar coisas ocultas e distantes; manifestar forças superiores à idade ou à condição física. Tratam-se, porém, de sinais que podem constituir simples indícios e, portanto, não são necessariamente considerados como provenientes do demônio. Ocorre por isso fazer atenção também a outros sinais, sobretudo de ordem moral e espiritual, que revelam, sob forma diversa, a intervenção diabólica. Podem ser: uma forte aversão a Deus, à Santíssima Pessoa de Jesus, à Beata Virgem Maria, aos Santos, à Igreja, à Palavra de Deus, às realidades sacras, sobretudo aos sacramentos, às imagens sacras. Ocorre fazer atenção ao relacionamento entre todos estes sinais com a fé e o empenho espiritual na vida cristã; o Maligno, de fato, é, sobretudo, inimigo de Deus e de quanto coloca os fiéis em contato com o agir salvífico divino.

17. Da necessidade de recorrer ao Rito do exorcismo o exorcista decidirá com prudência depois de atento exame, salvo sempre o segredo da Confissão, e depois de haver consultado, quanto seja possível, pessoas experientes em questões de vida espiritual e, se necessário, pessoas especialistas em medicina e psiquiatria, competentes também nas realidades espirituais.

e os presentes com uma expressão cheia de ódio. Tais olhares se alternam a momentos nos quais as pálpebras se fecham de maneira serrada e, se se abrem (com grande fadiga), vêm-se os olhos completamente revirados com as pupilas para baixo ou para cima na cavidade orbital, que aparecem totalmente brancos; mais raramente acontece que os olhos permaneçam imóveis por um certo tempo completamente arregalados e sem bater os cílios.

Em geral, estes *sinais* são sempre unidos a outras manifestações, como por exemplo: um timbre de voz escuro, cavernoso, rouco, ou baritonal; outras vezes estridente ou metálico. Na mesma pessoa estes diversos timbres de voz podem alternar-se de um momento ao outro. Alguns sibilam como um serpente e assumem até mesmo seus movimentos, *in altri si sentono ringhi come di un cane, oppure ruggiti come di un leone*. Nello stesso tempo, frequentemente la persona deve essere bloccata, perché il demonio, pieno di rabbia, reagisce violentemente, manifestando odio implacabile verso la sua vittima, minacciandone la distruzione fisica e spirituale, gridando frasi di questo genere: «*io non me ne andrò mai!*»; «*è mia!*», «*è mio, me l'hanno dato, me l'hanno data e tu non me la toglierai!*»; «*tu non puoi fare niente contro di me!*»; «*me ne andrò solo quando l'avrò fatta morire*»; «*la porterò con me all'inferno*».

Outra freqüente manifestação, típica do demônio, nas pessoas possesas, é a mudança imediata de expressão: elas passam improvisadamente de um comportamento pretensioso, arrogante, sarcástico a um comportamento suplicante e remissivo; e, de sorrisos zombeteiros e risadas irônicas e pérfidas, a tremores e medo. Ademais, o demônio (ou os demônios, através da pessoa por eles possuída) insulta e tenta de agredir os presentes, sobretudo o exorcista, ao qual se dirige ameaçando retalhações de todo gênero; outras vezes procura expedientes para interromper a oração, ou tenta de fugir do exorcista.

Uma expressão típica do demônio, nos casos acertados de verdadeira possessão, é de afirmar: «Mas, este é louco, esta é louca. Não está vendo? Está perdendo tempo».

Devemos considerar que, geralmente, os verdadeiros loucos, não reconhecem nunca de serem loucos.

Um outro comportamento que podem ter os possessos em alguns momentos do exorcismo, é fazer com as mãos e com os dedos gestos e sinais típicos da bruxaria ou do satanismo ou de grupos dedicados ao ocultismo, ou mostrar os punhos serrados em sinal de desafio: é o próprio demônio que faz estes gestos através da pessoa.

Pode acontecer também que uma pessoa possessa no momento da crise toque perfeitamente instrumentos musicais, sem ter nunca aprendido a usá-los ou cante perfeitamente segundo os cânones musicais, sem conhecê-los; o canto pode também ser associado à dança irrefreável. Um fenômeno muito freqüente nos casos de auto-possessão dos ritos mágico-espíritas da África e da América do Sul é aquele de dançar, levados por uma força que, muitas vezes, constringe a pessoa a fazê-lo de maneira frenética, até cair sem forças.

Um outro fenômeno ainda, registrado por vezes, durante uma possessão diabólica é aquele do aparecimento do objetos. A experiência comum de muitos exorcistas testemunha que da boca, sobre o corpo ou em proximidade da pessoa podem aparecer objetos como: agulhas, pregos, pedaços de corrente, pedras, mechas de cabelo, vidros, pedaços de tecido, carne, flores, cordas, anéis, brincos e outras coisas, entre as mais variadas. Esses, ordinariamente, saem pela boca, mas nem sempre provêm do estômago da pessoa; isto explica porque o posseso não sofre jamais danos físicos, mesmo quando, por exemplo, saem grossos pedaços de vidro. Uma vez recebi uma mulher de 42 anos, acompanhada pelos seus familiares, mãe de três filhos, atingida por um tremendo malefício, a qual, em quatro diversos momentos do exorcismo, cuspiu – à distância de cinco minutos um do outro – por três vezes em seguida um prego e na quarta vez um pedaço de carvão. Estes objetos podem às vezes, aparecer também sobre o corpo ou na proximidade da pessoa, por exemplo sobre o pavimento circunstante ou sobre uma mesa. Em geral este fenômeno é sinal da progressiva libertação que, entretanto, não está ligada necessariamente a estas manifestações.

Um fenômeno que entra naquela esfera de capacidade que vão além das reais possibilidades do homem e, ainda que bem raramente, foi verificado por vários exorcistas, é aquele da “levitação”. Esse, como sabemos, se verifica também na vida de vários místicos; este fenômeno, porém, quando está associado ao conhecimento de coisas ocultas e à aversão ao sagrado, não pode ser certamente atribuído a Deus ou aos anjos, mas deve ser reconhecido como sinal de intervenção diabólica.

Na minha experiência pessoal, até hoje assisti uma única vez a este fenômeno. Um dia foi-me pedido por um pároco que eu fosse à casa de uma família para uma bênção. Havia naquela família um menino de cerca 12 anos que já fora levado várias vezes a um outro exorcista. Enquanto eu estava fazendo o rito do exorcismo e abençoando a água que seria servida para aspergir a casa e as pessoas, o menino que estava numa poltrona, escorregou lentamente dela e sibilando, começou a mover-se como um serpente pelo cômodo levitando a 15-20 centímetros do pavimento. Os movimentos não eram velocíssimos, mas lentos, como aqueles de um serpente que não tem mais forças e, justamente porque lentos, era muito bem visível a toda a distância do pavimento (estavam presentes os avós e os pais do menino, os quais obviamente eram estupefatos).

As outras formas da ação extraordinária do demônio

Examinamos, até agora, aquele grau da ação diabólica extraordinária que é a possessão: mas a ação extraordinária do demônio não se limita a essa. O ritual dos exorcismos, no par. 7 da *Apresentação* feita pela CEI – referindo-se sempre, como já acenamos, a uma experiência há muito consolidada de dois milênios – classifica tal ação, além que na possessão, também «*na vexação, na obsessão e na infestação diabólica*»⁹. Os confins, porém, entre uma forma e outra não sempre são nítidos: é

⁹ Cfr. «*Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari*», Libreria Editrice Vaticana, 2001, *Presentazione* CEI, pag. 11, par. 7 (testo in italiano).

possível o seu entrelaçar-se ou somar-se, com uma gama de distúrbios de diferente gravidade e natureza.

A vexação diabólica

Por *vexação diabólica* entendemos a ação, da parte do diabo e dos demônios, com a intenção de agredir e atormentar o homem fisicamente, com cortes, ou queimaduras, arranhões, espetadas ou agulhadas, mordidas, pauladas, golpes que deixam hematomas, tumefações e feridas que sangram, fraturas de ossos, incisões na pele de letras, palavras ou sinais que persistem por um certo tempo e depois desaparecem. Na vida dos Santos encontramos outras formas de vexação, ainda mais pesadas: alguns foram alvo de pedras, de esterco ou de fezes, jogadas sobre eles e provenientes como de lugar algum; ou também se viram jogar no rosto com violência a água contida num copo que, improvisamente, levitou no ar; outros foram jogados da cama ou das escadas, jogados no ar ou no chão ou contra uma parede, arrastados por uma mão invisível pelos cabelos; outros foram transportados a longa distância do lugar em que se encontravam.

Nestes casos, acertada a origem não natural dos fenômenos, não resta senão reconhecer a sua origem diabólica.

Reencontramos freqüentemente iguais experiências na vida de quem, com a sua santidade, contribuiu para arrancar as almas do pecado e, logo, do demônio. A ação extraordinária do maligno pode se manifestar sob a forma de vexações – como acontece, a partir da mais remota antiguidade cristã, na vida de Sto. Antão Abade e dos Padres do deserto, até os casos mais recentes, como aqueles do Santo Cura D’Ars, de Santa Gemma Galgani, de S. Pio de Pietrelcina, da Beata Alexandrina da Costa e de São Luiz Calabria, só para citar os mais conhecidos. Às vezes a vexações podem ser associadas também à possessão diabólica, como aconteceu à beata Eustóquio de Pádua, morta em 1469, vítima, por um longuíssimo período da sua vida, justamente de uma tremenda possessão diabólica; ou à beata Maria de Jesus Crucificado, carmelita, morta no Carmelo de Belém em 1878 e beatificada aos 13 de

novembro de 1983: ela, juntamente com êxtases e visões, experimentou por vários períodos da sua vida também fortíssimas possessões demoníacas.

A obsessão diabólica

Por *obsessão diabólica* entendemos a ação, da parte do diabo, destinada a agredir e a atormentar o homem interiormente. Ainda que não bloqueie a faculdade intelectual e a livre vontade da pessoa, o demônio pode, porém, conseguir comunicar à imaginação e à memória pensamentos ou imagens obsessivas, por vezes racionalmente absurdas, mas tais que a vítima não é capaz de afastá-las. A pessoa pode sentir-se molestada por idéias ou fantasias incômodas, constantes, importunas e possessivas até à loucura – que loucura porém não é – e que a atormentam em continuação; por um incessante falar interior de uma outra pessoa, que mantém o seu cérebro ocupado com ininterruptos discursos de todo gênero; por improvisos frêmitos de angustia, de desesperação e de ira, absolutamente estranhos àquele que é o seu regular sistema nervoso; por irrefreáveis ataques de antipatia ou de ódio, até o desejo de matar sem motivo algum; por odores contínuos e nauseantes; por imagens obscenas, que se intensificam nos momentos de mais intensa oração ou quando mais a pessoa se aproxima do sobrenatural; ou pela aparição de figuras monstruosas. A pessoa se sente como amarrada e adverte claramente estas sensações ou estas imagens como estranhas a si; busca de todos os modos afastá-las, mas não consegue ou então encontra uma grande dificuldade de libertar-se delas.

Dada a sua semelhança com as doenças psiquiátricas, o discernimento das obsessões demoníacas não é sempre fácil. Existem obsessões que têm uma origem exclusivamente patológica, e são a maior parte. Há algumas, porém, que mesmo manifestando-se aparentemente iguais nos sintomas a uma patologia psiquiátrica, têm origem numa ação extraordinária do demônio; e outras, enfim, que, mesmo sendo de origem patológica, são amplificadas de maneira extraordinária por uma ação extraordinária do demônio. Neste último caso, acontece que pequenos pensamentos obsessivos e modestos comportamentos compulsivos (que podem ser normais,

quando são salutares, fugazes e sobretudo controláveis¹⁰), se tornem improvisamente invasivos, incomodantes e contínuos sob a ação do demônio, que perturba pesadamente a psique de uma pessoa e podem provocar grande dor e estranhas sensações em todo o corpo sem uma explicação médica.

Além disso, devemos considerar que também um sujeito histérico ou desequilibrado pode ser vítima de uma obsessão diabólica, que acaba por sobrepor-se a uma real patologia, agravando-a. Por todos estes motivos, o campo das obsessões demoníacas é um dos mais difíceis de avaliar, mais que o das vexações e das possessões demoníacas. As vexações físicas e as possessões, de fato, pelos sinais externos que costumeiramente as acompanham, são mais facilmente identificáveis. Para se chegar a conclusões concretas, todo caso deve ser examinado um a um. Um dado importante, que poderia fornecer um indício significativo sobre a origem demoníaca de uma obsessão, é verificar se, no âmbito de fé e de moralidade, existam improvisos e inexplicáveis “saltos” em relação àquelas que são as próprias idéias, os comportamentos habituais e a própria vontade. Por exemplo: a dificuldade de rezar, de modo quase invencível, não obstante aquela perdoa seja habituada a fazê-lo; ou o insurgir de improvisos e veementes pensamentos contra a fé ou até mesmo o ódio, sem alguma motivação, para com tudo o que seja sacro ou tem referência ao sacro, numa pessoa normalmente e habitualmente pia e devota tanto que essa possa chegar a crer de ser rejeitada por Deus e condenada (encontramos este último fenômeno em alguns períodos da vida de vários Santos).

¹⁰ Há quem se pergunte muitas vezes se fechou o gás, ou a porta; há quem tem mania de limpeza exagerada ou de lavar-se continuamente: aqui o demônio não tem nada a ver. Há também pessoas distraídas que fazem uma ação mecanicamente, pensando a uma outra coisa, e depois se perguntam: «*Mas, apaguei a luz?; fechei o gás?; já lavei as mãos antes de comer?*». E assim devem retornar sobre os próprios passos e vêem que mecanicamente tinham feito aquela coisa; mas, como pensavam em outra coisa, não se recordavam mais de tê-las executado. Estas mesmas coisas podem acontecer também porque se é ansioso em demasia, mas não se trata de obsessão demoníaca. São dificuldades superáveis com o bom senso ou aceitando-as, assim como devemos sempre aceitar-nos a nós mesmos, com os nossos defeitos e os nossos limites.

O discernimento, que permite constatar se uma obsessão é devida a uma ação extraordinária do demônio, é possível só acompanhando aquela pessoa no seu caminho pessoal de oração e verificando a eficácia ou a não eficácia de bênçãos e orações de libertação feitas sobre ela. Se os fenômenos obsessivos persistem e se há motivados indícios para considerá-los de origem não patológica – enquanto a pessoa, dos dados clínicos, resulta ser sã de mente – então se pode recorrer ao exorcismo (também na medicina, de outra parte, se formula às vezes um correto diagnóstico avaliando a eficácia ou a não eficácia de particulares tratamentos médicos).

Considere-se, enfim, como já falei, que existem casos nos quais há uma espécie de “sobreposição” da ação extraordinária do demônio sobre uma obsessão patológica, tornando-a fora das normas. Quando se verifica tal “sobreposição”, ha a necessidade de intervir seja com uma terapia médica, seja com o exorcismo.

Um erro a evitar

Um erro freqüente feito pelos sacerdotes é o de qualificar todas as pessoas com apenas distúrbios psicológicos ou psíquicos como doentes que um sacerdote não é capaz de ajudar. Mesmo se um exorcista ou um sacerdote reconhece que uma certa pessoa não é possessa e não é nem mesmo vexada, mas tem apenas os problemas de natureza psíquica, como lemos no Ritual, aquele sacerdote não lhe deve negar jamais ajuda. Nas premissas gerais do Ritual dos exorcismos lemos: “*A ajuda espiritual não se deve negar nem mesmo aos fiéis que, mesmo não tocados pelo Maligno (cf 1 Gv 5, 18), sofrem entretanto pelas suas tentações, decididos a permanecerem fiéis ao Senhor Jesus e ao Evangelho. Isso pode ser feito também por um sacerdote não exorcista, ou também por um diácono, utilizando orações e súplicas apropriadas*”¹¹.

A infestação diabólica

¹¹ «*Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari*», Libreria Editrice Vaticana, 2001, Apresentação CEI, pag. 24, par. 15 (texto em italiano).

Temos, enfim, a *infestação* diabólica. Sobre ela o ritual do exorcismo afirma: «*A presença do Diabo e de outros demônios se manifesta e se concretiza não só no caso de pessoas tentadas ou possesadas, mas também quando coisas e lugares são, de algum modo, objeto da ação diabólica...*»¹². Um particular interessante, que acrescenta o ritual é o exorcismo em caso de perseguição à Igreja: «*... como também nas várias formas de aversão e perseguição da Igreja. Se, em particulares circunstâncias, o Bispo da diocese retém oportuno convocar os fiéis para rezar sob a guia do sacerdote, poderão utilizar para tal escopo elementos a serem escolhidos entre aqueles aqui propostos*»¹³.

O diabo e os demônios podem atormentar o homem indiretamente, ou seja, nas suas coisas: por exemplo, com rumores inexplicáveis em casa, sobre o teto, sobre o pavimento ou sobre as paredes, sobre as portas ou sobre as janelas ou sobre os móveis. Outros fenômenos, que foram assinalados, ainda que raros, são: uma chuva de pedras, que caem como do nada sobre o teto ou também em casa; rumores de passos invisíveis; estouros semelhantes àqueles de bombas ou de explosões – ainda que materialmente não acontecidas – circunscritos a um lugar (por exemplo a um quarto ou a um terreno); grande barulho de correntes e de ferragens, alternados a golpes retumbantes e a barulhos; vozes misteriosas, ou gritos, risadas, estrépitos; campainhas invisíveis que soam; desaparecimento de objetos que ou não são mais encontrados, ou são encontrados nos pontos mais impensáveis da casa ou nos arredores; quadros que se desprendem das paredes e caem sem um motivo compreensível; vestes, lençóis, cobertas, cadeiras que levitam no ar, etc.

Uma vez excluída, depois de uma rigorosa investigação, a origem natural de tais acontecimentos, pode-se rezar e abençoar a casa ou o lugar ou os objetos e verificar se aqueles fenômenos têm um significativo regresso, ou desaparecem de todo. Se

¹² «*Rito degli esorcismi, e preghiere per circostanze particolari*», Libreria Editrice Vaticana, 2001, Preghiera ed esorcismo per circostanze particolari, pag. 89, par. 1 (texto em italiano).

¹³ *Ibidem*.

depois, não obstante esta primeira intervenção do sacerdote, tais fenômenos devessem subsistir, é aconselhável entrar em contato com o exorcista.

Uma particular forma de possessão: a sujeição diabólica

Há uma forma de possessão diabólica na qual não se verificam as crises, nem se manifestam os sinais daqueles que sofrem a ação extraordinária do demônio e que podemos chamar de «sujeição diabólica». É a condição daqueles que se consagraram autenticamente ao diabo.

A possessão diabólica é sofrida, não é quista; a sujeição diabólica, invés, é uma voluntária oferta da própria alma e do próprio corpo a Satanás. Isto pode instaurar entre uma pessoa e o demônio uma fortíssima dependência moral, em quanto é a pessoa mesma que o pede. Uma pessoa consagrada verdadeiramente a Satanás, mesmo sendo por própria escolha sua propriedade e sua direta colaboradora, não tem as crises, nem manifesta os sinais daqueles que sofrem a possessão diabólica ou as outras formas de ação extraordinária do demônio. Estas pessoas entram nas igrejas sem manifestar algum sinal de possessão diabólica e se percebem que falta a vigilância e não são vistas por alguém, realizam rituais de profanação dos lugares sacros ou do altar com a intenção de propiciar-si em tal modo o demônio. Ademais, são habilíssimas em levarem embora o Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo no momento da distribuição eucarística.

Uma das atividades principais do satanismo, por exemplo, é justamente aquela de procurar-se este Augusto Sacramento para depois poder profaná-Lo através de ritos nefandos, nos modos mais imundos e obscenos. Os satanistas são acuradamente e eficazmente adestrados a roubá-Lo das igrejas, das capelas, dos santuários, das basílicas. É necessário vigiar com grande atenção. Foram denunciados furtos eucarísticos até mesmo diretamente das píxides dos tabernáculos, tendo os ladrões sacrílegos, precedentemente, procurado a chave. Como recorda o *Código de Direito*

Canônico (n. 938.5) os sacerdotes deveriam guardar a chave do tabernáculo com a máxima diligência; seria, antes conveniente, para não torná-la facilmente acessível, que não a deixassem nem na igreja nem na sacristia.

Sublinho o aspecto da falta de sinais de possessão diabólica nestas pessoas: o demônio não dá nelas algum sinal daqueles típicos dos possessos, justamente porque a pessoa, por assim dizer, o “esconde”. Enquanto na possessão, aquela que é submetida ao exorcista, a pessoa não quer o demônio e o demônio reage violentamente, porque refuta de deixar aquela pessoa, neste caso, invés, a pessoa – sendo voluntariamente cúmplice do demônio – não é por ele atormentada com os fenômenos típicos da vexação ou da obsessão ou da possessão, para que permaneça como é, mas, apenas aquela pessoa devesse renunciar ao pacto que fez com ele, então o demônio põe em ato todos os tormentos da vexação, da obsessão ou da possessão demoníaca, porque não quer perder quem em precedência se era entregue a ele voluntariamente. Atormentando-a, espera convencê-la a reconfirmar o pacto subscrito. O demônio, de fato, não quer absolutamente deixar quem lhe havia jurado eterna submissão, exige a contrapartida e reage à decisão de romper o pacto feito precedentemente com ele, seja maltratando fisicamente e interiormente a pessoa seja provocando-lhe uma reação em cadeia de situações adversas.

APÊNDICE

Os danos pastorais provocados pela parapsicologia

Como sabemos, fora do mundo natural, que conhecemos por meio dos sentidos, num plano completamente diverso, existe um outro mundo, que está além da nossa dimensão espaço-temporal, “povoado” de criaturas inteligentes, boas ou más, anjos ou demônios, em comunicação real, íntima e misteriosa conosco. Em relação a nós, constitui o mundo do *preternatural*. Por isto chamamos *preternaturais* (ou seja, *extra-naturais*, tomando-nos como referência) os fenômenos devidos à intervenção

dos anjos ou dos demônios sobre o homem ou sobre a matéria e classificamos como *fenômenos naturais* os fatos que se produzem segundo as ordinárias leis da natureza, entre os homens. O *preternatural* – em relação aos homens – é constituído por aquilo que é próprio e natural nos anjos bons ou maus. Os *fenômenos preternaturais*, portanto, não são “fatos sobrenaturais” (como por exemplo os milagres), mas fatos entitativamente naturais, porque não ultrapassam as forças naturais de um ser criado, mas só aquelas de alguma outra natureza (por exemplo aquela do homem, mas não ultrapassam aquela dos anjos ou dos demônios). Em resumo, devemos dizer que qualquer que seja a natureza do fenômeno produzido pelos espíritos demoníacos, não ultrapassará jamais a ordem puramente natural. Os demônios não podem fazer milagres, do momento que estes excedem por definição as forças de toda natureza criada e criável. Como, porém, as possibilidades da natureza angélica vão além das forças naturais humanas, os demônios podem fazer coisas que ao homem parecem prodigiosas porque ultrapassam as suas forças e os seus conhecimentos naturais. Estes pseudo-prodígios põem, portanto, o problema do seu discernimento, em relação aos fenômenos naturais e sobrenaturais.

Feita esta premissa, passo a assinalar o fato, assaz grave e deplorável, da presença nas faculdades teológicas de alguns países, de cursos da assim chamada “parapsicologia”. Usando o método das ciências experimentais se propõe estudar fenômenos fora do normal, como – por exemplo – a assim chamada telepatia, a clarividência, percepções extra-sensoriais, telecinese, fantasmas, levitações, as experiências extra-corpóreas, o espiritismo, etc. A comunidade científica mundial é concorde ao afirmar a falta de valor aos estudos obtidos pela “parapsicologia” sendo privada, no plano científico, do mínimo fundamento.

À luz da teologia (especificamente a angeologia e a demonologia), nós sabemos que sempre que nos encontramos de frente a fatos, fenômenos, manifestações, que atravessam o confim natural, *se não provêm de Deus, provêm de Satanás. Não existem estados intermediários*. Uma vez acertada a falta de fraude ou de mistificação humana, quando acontecem fenômenos que vão claramente além do natural, existe

sempre na sua origem ou uma presença angélica má, ou seja, demoníaca, ou uma presença angélica boa, ou Deus mesmo.

A teologia, partindo da palavra de Deus, sempre soube explicar a verdadeira causa dos fatos, fenômenos e manifestações fora do normal denominando-lhes tradicionalmente algumas com o termo “preternaturais” outras “sobrenaturais”. Com o termo “sobrenaturais” a teologia indica aquelas ações que podem ser realizadas exclusivamente por Deus, mas que Ele pode fazer chegar até nós pela mediação ou intercessão da Beata Virgem Maria, dos Anjos ou dos Santos. A parapsicologia, invés, define seja os fenômenos preternaturais seja aqueles sobrenaturais com o termo “paranormais” dando-lhe uma interpretação racionalista. Isto comportou um grave dano pastoral àqueles fiéis que, envolvidos em fenômenos preternaturais de origem diabólica, tinham necessidade do socorro do ministério dos exorcismos, do qual foram injustamente privados, assimilando aquilo que eles experimentavam a fatos puramente naturais, quando na realidade não o eram.

A parapsicologia, de fato, reduz erroneamente o plano preternatural e aquele sobrenatural àquele natural, pretendendo explicar todos os fenômenos fora do normal em termos naturais, como se a única explicação devesse ser procurada sempre num nível puramente “humano”, excluindo a priori a intervenção direta de Deus ou de Satanás na vida do homem. A única explicação dada é sempre simplesmente humana e natural.

Os danos da parapsicologia foram muito graves em muitos países, em particular, por exemplo, no Brasil, onde operaram por muitos anos e ainda hoje opera, mesmo se com menor séquito, um sacerdote que condicionou fortemente uma parte do clero brasileiro desviando-o completamente no discernimento de certos fenômenos. Há ainda hoje faculdades teológicas onde a parapsicologia é ensinada desde os anos do seminário aos futuros sacerdotes. A esses vem ensinada a mentira que a mente humana e o inconsciente são capazes de andar além dos seus limites naturais, enquanto na realidade o homem pode superar os seus limites naturais só sob a ação

do demônio ou de Deus; claramente a ação do demônio tem sempre um fim destrutivo, ainda que se tal fim não emerge imediatamente. *Onde se verificam realmente fenômenos que vão além do natural, podem ser explicados somente com a ação de uma realidade que está fora do homem porque a mente humana e o inconsciente não são capazes de andar além dos seus limites naturais.*

Não poucos sacerdotes e mesmo exorcistas que têm dado crédito à parapsicologia, têm deixado tantas pessoas no seu sofrimento e tantas situações graves que tinham necessidade da intervenção do exorcismo foram entregues aos assim chamados *paragnósticos* ou *paranormais*, que às vezes eram psicólogos, mas às vezes eram infelizmente médiuns.

Quais são os remédios que podemos propor?

Primeiramente deveria ser patrocinada uma válida formação espiritual e teológica de base, a partir dos anos dos Seminários. Parece urgente recuperar, no itinerário dos próprios seminaristas – seja diocesanos que religiosos - e nos encontros de formação permanente do clero, de um lado tudo aquilo que possa favorecer uma sólida vida espiritual, prioritária no seu “iter” formativo; de outro, estudos bíblicos e teológicos adequados. Aqueles que são prepostos ao ensino teológico deveriam ter clara consciência – iluminada pela Sagrada Escritura, pela Tradição e pelo Magistério da Igreja – da real luta entre o Filho de Deus e o Príncipe deste mundo (Jo 12, 31), e, portanto, da presença ativa do Diabo e dos demônios na vida dos discípulos de Cristo, evitando de assimilar a “simbologia”, principalmente de caráter alegórico ou mitológico, da funesta obra na história pessoal e comunitária dos homens da parte dos espíritos malignos (cf Ef 6,12), negando, conseqüentemente, a real existência e atividade dos demônios.

Nos cursos de *Teologia Dogmática* da quase totalidade das faculdades teológicas, o estudo da Angeologia não vem nem mesmo tocado de leve ou resulta, ao máximo, apenas indicado. Existem cursos facultativos de Angeologia, ao qual, porém, não

segue sempre um curso de Demonologia. Além disso, os percursos não são sempre inspirados na sã teologia e no Magistério da Igreja.

O curso institucional de *Teologia Espiritual* deveria ilustrar não só a ação de Deus nas almas, mas também a ação dos anjos e dos demônios sobre as almas. Não deveria deter-se, além disso, simplesmente sobre a ação “ordinária” do demônio – que é a tentação em todas as suas múltiplas formas – mas preocupar-se também, diretamente, daqueles critérios de discernimento relativos à ação “extraordinária” do demônio que encontramos descritos nas narrações evangélicas dos exorcismos e na experiência plurissecular da Igreja sobre as manifestações demoníacas.

Seria necessário, além disso, em tais cursos teológicos, re-propor toda a riqueza representada pelos escritos místicos e hagiográficos de inumeráveis Santos, os quais experimentaram uma verdadeira e própria luta contra Satanás, nas suas várias manifestações, não só no plano ordinário, mas também até às vexações e mesmo, algumas vezes, até às possessões diabólicas.

Enfim, nos cursos de *Teologia Moral*, não deveria ser excluída a secção relativa aos pecados contra a fé, a respeito de todo o amplo leque representado pelas práticas mágicas e ocultas, como também o *Catecismo da Igreja Católica* recorda, nos números 2115-2116-2117 comentando o *Primeiro Mandamento*. Tantas pessoas, mesmo católicas, recorrem às diversas formas de adivinhação; freqüentam magos e cartomantes; crêem no horóscopo; fazem uso de amuletos e talismãs; pretendem evocar os mortos (espiritismo); pedem rituais para obter determinados efeitos ou para causar dano aos outros; entram em grupos ou associações onde segundo os vários graus é necessário submeter-se a iniciações por meio de rituais de ocultismo. O mundo do ocultismo é constituído por pessoas ligadas a Satanás: indiretamente, apenas pelo fato que voluntariamente enganam o seu próximo, para subtrair dinheiro às suas vítimas; diretamente, quando Satanás e os demônios são por eles invocados, pondo em prática rituais que têm como fim o sucesso, alguma influência sobre o

próximo ou até mesmo o mal dos outros. Também esta categoria de ocultistas se faz compensar muitas vezes lautamente pelos próprios clientes.

À luz de quanto foi examinado até agora, portanto, devemos decididamente afirmar que lá onde ainda subsistem, devam ser decididamente supressos os cursos de parapsicologia das faculdades teológicas e que um exorcista não poderá jamais tomar com critérios de discernimento as falsas teorias da parapsicologia, mas aqueles critérios de discernimento que lhe oferece a Sagrada Escritura, o Magistério da Igreja, a sã Teologia Espiritual, o Ritual dos exorcismos, aqueles autores e aqueles Santos que deram indicações para discernir e desmascarar as ações ordinárias do demônio, seja outros Santos que deram com a sua mesma vida indicações acerca das manifestações diabólicas extraordinárias às quais foram submetidos, seja enfim a própria experiência daqueles sacerdotes exorcistas empenhados há anos neste ministério desenvolvido por eles com seriedade e competência.